

# Orquestra Gulbenkian

**Mihhail Gerts**  
**Pedro Ribeiro**



**16 + 17 mai 24**

**16 mai 24** QUINTA 20:00

**17 mai 24** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## Orquestra Gulbenkian

**Mihhail Gerts** Maestro

**Pedro Ribeiro** Oboé

### **Richard Wagner**

*Prelúdio e Morte de Isolda*

c. 17 min.

### **Richard Strauss**

Concerto para Oboé e Pequena Orquestra,  
em Ré maior

c. 26 min.

1. *Allegro moderato*
2. *Andante*
3. *Vivace – Allegro*

INTERVALO

### **Johannes Brahms**

Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98

c. 42 min.

1. *Allegro non troppo*
2. *Andante moderato*
3. *Allegro giocoso*
4. *Allegro energico e passionato*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 MIN.  
INTERVALO DE 20 MIN.

# Richard Wagner

(Leipzig, 1813 – Veneza, 1883)

## *Prelúdio e Morte de Isolda*

COMPOSIÇÃO 1857-59

ESTREIA Munique, 10 de junho de 1865

DURAÇÃO c. 17 min.

Em 1860, em Paris, Richard Wagner dirigia um concerto com obras da sua autoria e apresentava ao público, que incluía nomes como Berlioz, Meyerbeer, Gounod e Baudelaire, o *Prelúdio* da obra-prima *Tristão e Isolda*. Alguns dos presentes desmaiaram, a imprensa ridicularizou uma música que ainda não podia entender, e até Berlioz se limitou a fazer uma análise fria, cautelosa, sem compromisso: “uma peça lenta, que começa *pianissimo*, ascendendo gradualmente ao *fortissimo* e depois cedendo à quietude do início, sem nenhum outro tema a não ser uma espécie de lamento cromático, cheio de dissonâncias.” Apenas Charles Baudelaire (precursor do simbolismo poético) compreendeu a dimensão da obra, revelando-se “engolido, dominado por um prazer realmente voluptuoso e sensual como a sensação de ser elevado no ar ou embalado pelo mar.” O que desafiou a audiência foi sobretudo um sentido de destruição da harmonia tonal funcional como era conhecida até então, com a utilização da dissonância não como uma cor momentânea que avança para uma consonância resolvendo a tensão, mas como um elemento repetido que nunca resolve e mantém a instabilidade tonal e emocional. A intenção de Wagner nos prelúdios

das suas óperas, como neste, era preparar o espírito do ouvinte, transportando-o para o estado de alma ideal de modo assimilar os acontecimentos e a dimensão psicológica do enredo. A ausência de conclusões harmônicas representa a angústia e a tortura do amor por cumprir. Nesta época, Wagner caminhava em direção ao ideal de *Gesamtkunstwerk* (obra de arte total) e no drama musical *Tristão e Isolda* atinge uma maturidade plena. O complexo enredo, inspirado em lendas medievais, conta a história de um amor total, sensual e sobrenatural, cuja inviabilidade e intensidade conduz a uma realização atingida apenas na morte. A primeira e última passagens da ópera, unidas numa versão orquestral exuberante, tornaram-se na obra de concerto conhecida como *Prelúdio e Morte de Isolda*. Começa *pianissimo*, com muitas pausas, como o amor interrompido dos amantes, e com a apresentação dos diversos motivos condutores (*leitmotive*). Surge o acorde de Tristão que aparece recorrentemente ao longo da obra. Isolda morre com o som das madeiras sobre luminosos violinos e o *Liebested* (morte de amor), sem a voz do soprano, traz não apenas a resolução harmônica, mas nas palavras de Wagner, a transfiguração.

SUSANA DUARTE

# Richard Strauss

(Munique, 1864 – Garmisch, 1949)

## Concerto para Oboé e Pequena Orquestra, em Ré maior

COMPOSIÇÃO 1945

ESTREIA Zurique, 26 de fevereiro de 1946

DURAÇÃO c. 26 min.

Filho do primeiro trompista da Orquestra da Corte de Munique, um anti-wagneriano convicto, Richard Strauss teve uma formação orientada na senda de compositores como Beethoven, Schumann ou Mendelssohn. Deste modo, as primeiras obras produzidas por Strauss são sobretudo sinfônicas e concertantes e estruturadas sobre as formas musicais convencionais, como a forma sonata, mesmo se estas já haviam sido objeto de profundas inovações por parte dos mesmos compositores acima citados. Se, nos anos subsequentes, Strauss se libertaria dessa influência, proporcionando originais contributos em géneros como o poema sinfónico ou a ópera, regressaria na última década da sua vida, e no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, aos géneros musicais que produziu na primeira fase da sua carreira, daí resultando obras como o Concerto para Oboé e Pequena Orquestra, em Ré maior. Assim, estas últimas obras podem ser consideradas como uma espécie de confronto com a tradição, referência essencial e, porventura, nostálgica, em relação

a uma cultura em declínio. Este Concerto para Oboé foi composto na Suíça em 1945, inspirado pelo oboísta John de Lancie, um oficial americano que integrava as forças aliadas que libertaram Garmisch, cidade onde Strauss então residia e onde, por essa ocasião, recebeu inúmeras visitas de admiradores americanos. A estreia deu-se em 1946, com Volkmar Andreae dirigindo a Orquestra do Tonhalle de Zurique e o oboísta Marcel Saillet. Strauss especifica na partitura “ganz nett” (bastante engraçado) e, de facto, assim parece ser, dado o estilo desta obra articulada em três andamentos que se encadeiam sem cesuras, aparentado com um neoclassicismo rococó. Destaca-se pois uma ênfase melódica e muitas vezes de grande fôlego num ímpeto propulsivo de elaboração constante, como é patente de imediato na entrada inicial do solista, e uma organização dos andamentos sobre estruturas convencionais, como a forma sonata, a forma de *lied* e a forma rondó, sucessivamente.

BÁRBARA VILLALOBOS

# Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

## Sinfonia n.º 4, em Mi menor, op. 98

—

COMPOSIÇÃO 1884-1885

ESTREIA Meiningen, 25 de outubro de 1885

DURAÇÃO c. 42 min.

Johannes Brahms apresentou a sua 4.<sup>a</sup> Sinfonia primeiramente a um pequeno grupo privado, tocando em conjunto com o pianista austríaco Ignaz Brüll (1846-1907), numa versão para dois pianos. Eduard Hanslick (1825-1904), o famoso crítico musical (e defensor do conceito de música absoluta, personificada por Brahms), que virava as páginas nessa apresentação, afirmou: “durante todo o primeiro andamento tive a sensação de estar a ser sovado por duas pessoas incrivelmente inteligentes”.

Composta nos verões de 1884 e 1885 nos Alpes austríacos, como era seu hábito, a Sinfonia n.º 4 seria, talvez por influência das leituras de Sófocles que Brahms fazia na altura, uma das mais sombrias e de caráter trágico, apesar das belas paisagens que rodeavam o compositor. Se nas duas primeiras sinfonias seguiu o modelo de Beethoven (anos antes afirmava nem se atrever a escrever sinfonias, por reverência) e na terceira explorou novas escolhas para o final, nomeadamente uma conclusão mais serena, na quarta levou essa experiência mais longe. Com uma linguagem muito pessoal e pessimista, a última das suas sinfonias marca o final de uma era e encaminha-se para o futuro, em direção

a um novo século que a reconheceria como progressista. Estreada em Meiningen em outubro de 1885, dirigida pelo compositor, foi desde logo bem recebida e compreendida pelo público.

A Sinfonia n.º 4 começa com uma inquieta melodia numa alternância entre terceiras descendentes e ascendentes, mas o desenvolvimento do tema é interrompido por um motivo de fanfarras de sopros, que surge com frequência, lembrando uma era romântica de cavaleiros errantes. O *Andante moderato* que se segue utiliza o modo frígio, criando uma atmosfera medieval. O terceiro andamento, um *scherzo* ao estilo de Beethoven, adiciona o triângulo e o *piccolo* à orquestra e novamente as fanfarras alternam com episódios jocosos. O último andamento é construído como uma *passacaglia*, baseado na cantata BWV 150 de J. S. Bach, *Nach dir, Herr, verlanget mich* (“A Ti, Senhor, elevo minha alma”). O tema que serve de base ao baixo e sobre o qual Brahms faz mais de trinta variações, provém da frase do texto “Os meus dias de sofrimento são por Deus em alegria transformados”.

SUSANA DUARTE

## Mihhail Gerts

Combinando a expressão artística com uma técnica exemplar e com uma meticulosa atenção aos detalhes, Mihhail Gerts afirmou-se internacionalmente no últimos anos, nomeadamente com estreias sucessivas à frente de prestigiadas orquestras como a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia, a Sinfónica da BBC, a Royal Liverpool Philharmonic ou a Filarmónica da Radio France. É o fundador e diretor artístico do Festival TubIN, que honra o legado musical e humano do compositor estoniano Eduard Tubin. Na temporada 2023-24 volta a dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Orquestra do Ulster, a Filarmónica de Dortmund, a Sinfónica de Odense, a Sinfónica Nacional da Estónia e a Orchestre National des Pays de la Loire, abordando um repertório que se estende desde Monteverdi a estreias absolutas de obras de Signe Lykke e Tovia Tulev, passando por J. S. Bach, Brahms, Ravel, Prokofiev, Pärt e Tubin. Para além do repertório de concerto, Mihhail Gerts é também um maestro com experiência no domínio da ópera. Foi *Kapellmeister* do Theater Hagen (2015 a 2017) e maestro residente da Ópera Nacional da Estónia (2007 a 2014). Ao longo desses anos, dirigiu mais de quarenta produções diferentes de ópera e de ballet. Como maestro convidado, apresentou-se no Teatro la Fenice (Veneza), no Teatro delle Muse (Roma), na Ópera de Saint-Étienne e no Teatro Mikhailovsky (São Petersburgo), entre outros palcos. Mihhail Gerts estudou direção de orquestra na Academia de Música da Estónia e na Hochschule für Musik Hanns Eisler, em Berlim. Entre 2013 e 2017, foi bolseiro do *Dirigentenforum Programme* do Conselho Alemão da Música. Em 2014 foi finalista do Concurso Donatella Flick da Sinfónica de Londres e do Concurso de Direção Evgeny Svetlanov.

## Pedro Ribeiro

Pedro Ribeiro iniciou os seus estudos de oboé na Escola Profissional Artística do Vale do Ave, com Saúl Silva, tendo concluído a licenciatura na Escola Superior de Música do Porto, na classe de Ricardo Lopes. Foi laureado com o 1.º Prémio da Juventude Musical Portuguesa, o Prémio Jovens Músicos, o Prémio Maestro Silva Pereira e o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte. Lecionou na Universidade de Aveiro, na Escola Superior de Música do Porto e na Academia Nacional Superior de Orquestra. É membro do Opus Ensemble, com o qual gravou o CD *2007*. Faz também parte do Trivm de Palhetas, da Camerata Senza Misura e do Quinteto Artziz, tendo realizado com este grupo uma digressão pela Índia e Macau. Estreou diversas obras de música de câmara de compositores portugueses e gravou com o Ensemble Mediterran o CD *Música Contemporânea Portuguesa*. Tocou como solista com a Orquestra Gulbenkian, a Filarmónica da UNAM (México), a Sinfónica de Zurique, a Landesjugendkammer Orchester Nordrhein-Westfalen, a Musique Militaire du Luxembourg, a Sinfonieta de Lisboa, a Orquestra do Algarve e a Filarmonia das Beiras. Além dos festivais de música nacionais, participou no Jeunes Solistes Européennes (Luxemburgo) e no Stellenbosch International Chamber Music Festival (África do Sul). É membro da Orquestra Gulbenkian desde 2000, tendo assumido em 2006 as funções de 1.º Oboé. Em 2005 integrou a City of Birmingham Symphony Orchestra, como 1.º Oboé Convidado, tendo realizado concertos em Birmingham e nos *BBC Proms*, em Londres.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO  
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
David Wahnon  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Matilde Araújo  
Piotr Rachwal  
Flávia Marques  
Vasken Fermanian\*  
Vicente Sobral\*  
Maria Bykova\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Jorge Teixeira 2º SOLISTA  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Margarida Queirós  
Camille Bughin  
Francisca Fins  
Asilkan Pargana  
Miguel Simões  
Félix Duarte  
Catarina Resende  
Ana Elisa\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Maria Inês Monteiro  
Sara Farinha  
Márcia Marques  
Raquel Noemi  
Iris Almeida  
Daniela Brito\*

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA  
Martin Henneken 1º SOLISTA  
Raquel Reis 2º SOLISTA  
Jeremy Lake  
Gonçalo Lélis  
Hugo Paiva  
João Valpaços  
Maria Leonor Moniz

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Manuel Rego 2º SOLISTA  
Marine Triolet  
Miguel Menezes  
Diogo Pereira  
Raquel Leite\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÊS  
Sara Dias 2º SOLISTA\*

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA  
Vera Dias 1º SOLISTA  
Raquel Saraiva 2º SOLISTA  
CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA  
Kenneth Best 1º SOLISTA  
Pedro Fernandes 2º SOLISTA  
Antonia Chandler 2º SOLISTA  
Telma Gomes 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA  
Pedro Freire 1º SOLISTA  
José Pedro Pereira 2º SOLISTA

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA  
Rui Fernandes 2º SOLISTA  
Thierry Redondo 2º SOLISTA  
TROMBONE BAIXO

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA  
Gil Gonçalves 1º SOLISTA\*

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA  
Tomás Rosa 2º SOLISTA\*

## HARPA

Ana Aroso 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins  
Marta Ferreira de Andrade  
Pedro Canhoto  
Fábio Cachão  
Inês Nunes

# CARTÃO GULBENKIAN

**Para quem vive  
a Gulbenkian.**

**Escolha o Cartão  
mais adequado para si.**

Adesão online  
em poucos minutos.

# Conheça todos os benefícios.

CARTÃO  
GULBENKIAN

CARTÃO  
GULBENKIAN  
MAIS

Gratuito

65€ / ano

**Troca de pontos por ofertas especiais**

● ●

**Descontos etários mais vantajosos**

● ●

**Desconto de 10% em publicações**

● ●

**Compra de assinaturas para a Temporada Gulbenkian Música**

● ●

**Acesso a bilhetes família**

● ●

**Levantamento antecipado de bilhetes para eventos gratuitos**

1 DIA ANTES

2 DIAS ANTES

**Entrada gratuita no Museu e exposições**

●

**Acesso prioritário a exposições**

●

**Compra antecipada de bilhetes avulso**

●

**Programação exclusiva**

●

**Desconto de 10% em artigos de loja**

●

Saiba mais



# Gulbenkian Música

Temporada 24/25



GULBENKIAN  
MÚSICA

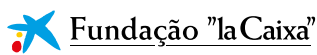
**Apresentação**

**23 maio 18:00**

Grande Auditório

GULBENKIAN.PT

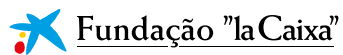
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

